

3 **Propositio**

Uma das principais tarefas da lógica ockhamista resume-se em clarificar a estrutura de proposições semanticamente complexas através da sua relação com proposições semanticamente mais simples, cujas condições de verdade dependeriam apenas da referência dos seus termos.¹ No entanto, tal propósito é exequível somente porque a teoria da suposição estabelecida por Ockham possibilita o vínculo entre a significação dos termos e o valor de verdade das proposições.

3.1. **Noção de proposição**

Não obstante Ockham abster-se de elaborar uma definição de ‘proposição’, ele fornece muitas informações relevantes que permitiriam o estabelecimento da sua concepção acerca do termo em questão.

De início, cumpre salientar que os lógicos medievais geralmente não distinguem proposição e sentença declarativa. Na verdade, muitos negavam que uma proposição pudesse significar algo.² Ockham, por exemplo, sustentava que só as ocorrências individuais de proposições escritas, orais ou mentais seriam portadoras de valores de verdade³ e rejeitava a existência de qualquer objeto que supostamente fosse significado pela totalidade de uma proposição.⁴ Segundo ele, as proposições significam exatamente o que seus termos constituintes significam. Assim, o significado de ‘O livro está na mesa’ restringir-se-ia simplesmente aos objetos significados pelos termos categoremáticos ‘livro’ e ‘mesa’.⁵

¹ Cf. FREDDOSO, A. J. *Ockham's Theory of Truth Conditions*, p. 2.

² Cf. SPADE, P. V. *Thoughts, Words and Things*, p. 57.

³ Cf., por exemplo, LAGERLUND, H. *Modal Syllogistics in the Middle Ages*, p. 96-97.

⁴ Cf. PANACCIO, C. *Semantics and Mental Language*, p. 61.

⁵ Spade razoavelmente afirma que tal explicação permitiria que ‘O livro está na mesa’, por exemplo, significasse o mesmo que ‘O livro não está na mesa’, inviabilizando, assim, a determinação do valor de verdade das proposições a partir da sua significação e dos fatos (Cf. SPADE, P. V. *Thoughts, Words and Things*, p. 164-165 e 178).

Consoante o que foi dito, abordar-se-á alguns aspectos da teoria ockhamista da verdade particularmente importantes para a compreensão da noção de proposição presumida pelo referido autor.

Distanciando-se daqueles que concebiam a verdade como adequação do objeto e o intelecto (*adaequatio rei et intellectus*), Ockham atesta que tanto a verdade quanto a falsidade identificam-se respectivamente com uma proposição verdadeira e uma proposição falsa.

O que é, pois, a verdade e a falsidade? Afirmo que Aristóteles diria que a verdade e a falsidade não são objetos realmente distintos da proposição verdadeira ou falsa. E, por tal razão, a menos que os [termos] abstratos ‘verdade’ e ‘falsidade’ incluam alguns sincategoremas ou algumas expressões equivalentes, deve-se admitir [que] ‘a verdade é uma proposição verdadeira e a falsidade é uma proposição falsa.’⁶

A despeito disso, verdade e falsidade não seriam inerentes às proposições, já que uma proposição verdadeira poderia tornar-se falsa sem sofrer qualquer tipo de modificação e vice-versa. Com efeito, ‘Tu estás sentado’ seria verdadeira enquanto o sujeito estivesse realizando a referida ação e tornar-se-ia falsa após seu término, sem perda ou aquisição de nenhuma propriedade.⁷ Ademais, a afirmação oposta segundo a qual a verdade e a falsidade seriam qualidades realmente inerentes às proposições também acarretaria situações absurdas como a admissão

⁶ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, I, 43: ‘*Quid igitur est veritas et falsitas? Dico quod Aristoteles diceret quod veritas et falsitas non sunt res distinctae realiter a propositione vera et falsa. Et ideo nisi ista abstracta ‘veritas’ et ‘falsitas’ includant aliqua syncategoremata vel aliquas dictiones aequivalentes, haec est concedenda ‘veritas est propositio vera et falsitas est propositio falsa’.* Cf. BOEHNER, P. Ockham’s Theory of Truth. *Franciscan Studies*, 5, p. 138-161, 1945; *Id.* Ockham’s Theory of Supposition and the Notion of Truth. *Franciscan Studies*, 6, p. 261-291, 1946.

⁷ *Ibid.*, I, 43: ‘*Et hoc est quod subdit Aristoteles: ‘Si quis autem et hoc recipiat, opinionem scilicet et orationem dicens susceptibilia esse contrariorum’, scilicet per realem inhaerentiam, ‘non est verum’, quia oratio non recipit realiter contraria. Et subdit: ‘Oratio namque et opinio sunt susceptibilia contrariorum esse dicuntur’, hoc est oratio et opinio sunt susceptibilia contrariorum per predicationem, ‘non in eo quod ipsamet aliquid contrariorum suscipiant’, supple per realem inhaerentiam, ‘sed in eo quod circa alterum aliqua passio facta sit. Nam in eo quod res est vel non est dicitur oratio vera vel falsa, non in eo quod captabilis sit contrariorum. Simpliciter autem a nullo neque oratio movetur neque opinio. Vult dicere quod quamvis ista contraria ‘verum’ et ‘falsum’ successive verificentur de eadem oratione, sicut ista oratio manes eadem numero ‘tu sedes’ est primo vera et postea falsa, tamen ista oratio non recipit realiter contraria, quia per hoc quod ista oratio est falsa quae prius fuit vera, nihil est realiter in oratione ista magis nunc quam prius. Sed ideo praecise nunc dicitur falsa et non prius, quia nunc significat aliter esse a parte rei quam est et prius significavit ita esse a parte rei sicut fuit. Unde nunc significat te sedere, et tamen non sedes, ideo est falsa; et prius fuit vera, quia prius sedisti, sicut ista oratio significavit. Et tamen ista oratio nihil recipit in se nec mutatur in aliquo. Propter quod subdit Aristoteles: Quapropter non erunt susceptibilia contrariorum, cum nulla in eis passio facta sit’.*

da existência de proposições aptas a receber determinações contrárias, por exemplo.⁸ Neste contexto, segue-se que ‘verdade’ e ‘falsidade’ devem ser caracterizados como termos conotativos, uma vez que ambos significam as proposições e conotam os respectivos objetos que poderiam ou não concernir àquilo que é asserido por elas.⁹

3.2. Tipos de proposição

Em geral, Ockham estabelece sua classificação dos tipos de proposição a partir da distinção básica entre proposições categóricas e proposições hipotéticas.¹⁰

⁸ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, I, 43: ‘*Ex isto processu Aristotelis evidenter apparet quod de intentione sua non est quod veritas et falsitas propositionum sunt quaedam qualitates inhaerentes eis. Si enim ita esset, sequeretur quod propositio quae est aliquando vera, aliquando falsa, realiter susciperet contraria. Sequeretur etiam quod quandocumque aliquid movetur extra me et postea quiescit quod una qualitas nova esset in anima cuiuslibet formantis talem propositionem ‘hoc movetur’ et alia deperderetur. Immo sequeretur quod propositio scripta vere alteraretur per hoc quod musca volat. Quae omnia sunt absurda et simpliciter falsa*’; Ockham também apresenta uma interessante objeção teológica contra aqueles que rejeitam a presente afirmação. De acordo com ele, se a verdade e a falsidade fossem qualidades inerentes às proposições, então, dado a falsidade de ‘Deus cria algo do nada’, por exemplo, seguir-se-ia que a falsidade seria uma qualidade da referida proposição distinta de Deus. Entretanto, ao indagar-se sobre a possibilidade da criação divina de tal qualidade, incorrer-se-ia numa contradição, visto que a presunção da sua criação sem a participação de Deus opor-se-ia a afirmação do Evangelista segundo a qual todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi feito (Jo 1, 3), ao passo que a admissão da sua criação divina acarretaria a veracidade da proposição ‘Deus cria algo do nada’. *Ibid.*, I, 43: ‘*Immo videtur in theologia sequeretur haeresis manifesta. Nam si veritas et falsitas propositionum sunt tales qualitates propositionum sicut albedo et nigredo sunt qualitates corporum, tunc quandocumque veritas aliqua erit, haec erit vera ‘haec veritas est’, sicut quandocumque aliqua albedo erit, haec erit vera ‘haec albedo est’. Et eodem modo de qualibet falsitate. Tunc accipio falsitatem istius propositionis ‘Deus aliquid creat de novo’: haec per illam opinionem est una qualitas propositionis, inhaerens sibi, et per consequens est alia res a Deo. Tunc quaero: aut ista res potest creari a Deo aut non potest. Si non potest, igitur est aliquid aliud a Deo quod a Deo creari non potest; quod est contra Evangelistam, dicentem: Omnia per ipsum facta sunt et sine ipso factum est nihil. Si potest creari a Deo de novo, ponatur in esse. Tunc erit haec vera ‘haec falsitas de novo a Deo creatur’; et sequitur ‘haec falsitas de novo a Deo creatur, igitur aliquid de novo creatur’; et ultra ‘igitur haec est vera: aliquid de novo creatur a Deo’, et per consequens non est falsa; et ultra ‘igitur haec falsitas istius propositionis non est’; et ultra ‘igitur non creatur a Deo de novo’. Patet igitur quod falsitas non est talis qualitas propositionis*’.

⁹ *Ibid.*, I, 43: ‘*Et ratio quare ista opinio potest sic dicere, et non praecedens, est ista: quia scilicet ista opinio habet dicere quod ista nomina ‘veritas’ et ‘falsitas’ non sunt nomina simpliciter absoluta sed connotativa*’; Cf. ; *Id. Quodlibeta septem*, V, q. 24.

¹⁰ *Ibid.*, II, 1: ‘*Postquam dicta sunt aliqua de terminis, nunc secundo dicendum est de propositionibus. Et primo ponendae sunt aliquae divisiones; secundo videndum est quid ad veritatem propositionum requeritur et sufficit; tertio de conversione propositionum sunt aliqua pertractanda. Circa primum sciendum est quod una divisio propositionum est quod propositionum alia est categorica, alia est hypothetica*’.

De acordo com ele, as proposições categóricas seriam fundamentalmente constituídas por três partes,¹¹ a saber, (i) o sujeito, que caracterizar-se-ia tanto por localizar-se antes da cópula quanto por ser aquilo de que se predica algo,¹² (ii) o predicado, que distinguir-se-ia por situar-se depois da cópula,¹³ e (iii) a cópula, que identificar-se-ia com um verbo, cuja característica seria ligar o sujeito e o predicado.¹⁴ Cabe ressaltar, no entanto, que Ockham também presume que tais proposições constituir-se-iam de um nome e um verbo, o que talvez reflita o conflito existente entre a concepção aristotélica de proposição explícita no *Da interpretação* e as necessidades da silogística, embora não haja nenhuma discussão sobre o assunto em questão nos textos do referido autor.¹⁵ Apesar disso, sua determinação das subdivisões das proposições categóricas apóia-se na diversidade de maneiras segundo as quais o sujeito, o predicado e a cópula apresentam-se em tais proposições. Com efeito, as proposições categóricas podem ser temporais, caso a cópula seja formulada num tempo verbal como o passado ou o futuro, assertóricas, se a cópula for identificada com ‘é’, ou modais, caso a cópula seja ‘pode ser’ ou dado que um modo tal como ‘necessário’, ‘possível’, ‘contingente’ ou ‘impossível’ ocorra no sujeito ou no predicado.¹⁶ Neste caso, os

¹¹ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 1: ‘*Propositio categorica est illa quae habet subiectum et praedicatum et copulam, et non includit plures tales propositiones*’.

¹² *Ibid.*, I, 30: ‘*Aliter autem dicitur subiectum, quia est pars propositionis praecedens copulam, de quo aliquid praedicatur, sicut in ista propositione ‘homo est animal’, ‘homo’ est subiectum, quia de homine praedicatur animal. Et subiectum sic acceptum sic acceptum potest multipliciter accipi. Uno modo dicitur subiectum large omne illud quod potest in quacumque propositione vera vel falsa subici. Et sic quodlibet universale respectu alterius potest esse subiectum, sicut patet in talibus propositionibus ‘omne animal est asinus’, ‘omnis albedo est corvus’, et sic de aliis*’.

¹³ *Ibid.*, I, 31: ‘*Sicut subiectum dicitur illa pars propositionis praecedit copulam, ita illa pars propositionis quae sequitur copulam dicitur praedicatum*’.

¹⁴ *Ibid.*, I, 31: ‘*Copula autem vocatur verbum copulans praedicatum cum subiecto*’.

¹⁵ Cf. NORMORE, C. *Some Aspects of Ockham’s Logic*, p. 38.

¹⁶ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 2: ‘*Alia divisio propositionis est quod quaedam est propositio de inesse et quaedam de modo vel modalis. Propositio modalis est illa in qua ponitur modus. Propositio de inesse est illa quae est sine modo. Et est sciendum quod quamvis omnes Sophistae quae concordent quod tantum quatuor modo, scilicet ‘necessarium’, ‘impossibile’, ‘contingens’ et ‘possibile’ faciunt propositionem modalem, et hoc quia Philosophus plures modos non tetigit, nec de pluribus determinavit in libro Priorum, tractando de conversione talium propositionum et syllogismis ex eis compositis, quia tamen alios non negavit, ideo generalius loquendo potest dici quod plures sunt modi facientes propositiones modales quam illi quatuor. Circa quod est sciendum quod propositio dicitur modalis propter modum additum in propositione. Sed non quicumque modus sufficit ad faciendum propositionem modalem, sed oportet quod sit modus praedicabilis de tota propositione, et ideo proprie dicitur ‘modus propositionis’ tamquam verificabilis de ipsamet propositione. Et a tali modo vel adverbio talis praedicabilis, si adverbium habeat, vel verbo dicitur propositio modalis. Sed tales modi sunt plures quam quatuor praedicti: nan sicut propositio alia est necessaria, alia impossibilis, alia possibilis, alia contingens, ita alia propositio est vera, alia falsa, alia scita, alia ignota, alia prolata, alia scripta, alia concepta, alia credita, alia opinata, alia dubitata, et sic de aliis. Et ideo*

termos categoremáticos constituintes do sujeito ou do predicado poderiam apresentar-se tanto no nominativo quanto num caso oblíquo.¹⁷ Por outro lado, constata-se também que alguns tipos de proposições categóricas seriam estabelecidos segundo o acréscimo ou a omissão de componentes adicionais. Deste modo, tais proposições distinguir-se-iam, no que concerne à qualidade, em negativas, se um sinal de negação fosse adicionado, e afirmativas, caso contrário,¹⁸ ao passo que, no que diz respeito à quantidade, elas seriam classificadas de acordo com a presença, ausência, localização e o tipo de quantificador, além de também dependerem da ocorrência de um sujeito singular ou geral. Assim, dado a ausência do quantificador, ter-se-ia uma proposição singular, caso o respectivo sujeito fosse singular, ou indefinida, se o sujeito fosse geral.¹⁹ Finalmente, certas proposições categóricas são equivalentes às proposições hipotéticas em virtude do sujeito ou do predicado que as constitui identificar-se com termos conotativos ou por causa da adição de um sinal de exclusão ou de uma cláusula exceptiva ou reduplicativa.²⁰

sicut propositio dicitur modalis in qua ponitur iste modus 'possibile' vel 'necessarium' vel 'contingens' vel 'impossibile', vel adverbium alicuius istorum, ita potest dici aequè rationabiliter propositio modalis in qua ponitur aliquod praedictorum. Et ideo sicut haec est modalis 'omnem hominem esse animal est necessarium' et similiter ista 'omnis homo de necessitate est animal', ita etiam est ista modalis 'omnem hominem esse animal est scitum', 'omnis homo scitur esse animal', similiter tales 'omnem hominem esse animal est verum', et sic de aliis'.

¹⁷ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 1: 'Alia divisio est quod quaedam propositiones sunt in recto et quaedam sunt in obliquo; et quandoque obliquus ponitur a parte subiecti, sicut 'hominem videt asinus', quandoque a parte praedicati, sicut his 'asinus est hominis'.

¹⁸ *Ibid.*, II, 1: 'Alia divisio propositionum est quod quaedam est affirmativa et quaedam negativa'.

¹⁹ *Ibid.*, II, 1: 'Alia divisio est quod quaedam est universalis, quaedam particularis, quaedam indefinita, quaedam singularis. Propositio universalis est illa in qua subicitur terminus communis signo universali determinatus, sive fuerit affirmativa sive negativa, sicut hic 'omnis homo est animal', 'nullus homo est animal', 'utrumque istorum currit', et sic de aliis. Propositio particularis est illa in qua subicitur terminus communis signo particulari determinatus, sicut 'aliquis homo currit', 'quidam homo currit', et sic de aliis. Propositio indefinita est illa in qua subicitur terminus communis sine signo tam universali quam particulari, sicut 'homo est animal', 'animal currit', et sic de aliis. Propositio singularis est illa in qua subicitur proprium nomen alicuius vel pronomen demonstrativum cum termino communi. Exemplum primi 'Sortes currit'; exemplum secundi 'iste currit', demonstrato quocumque; exemplum tertii 'iste homo est animal'.

²⁰ *Ibid.*, II, 1: 'Dicto de propositionibus categoricis, quae simplicibus, dicendum est de propositionibus aequivalentibus propositionibus hypotheticis. Et est sciendum quod quaelibet categorica ex qua sequuntur plures propositiones categoriae tamquam exponentes eam, hoc est exprimentes quid illa propositio ex forma sua importat, potest dici propositio aequivalens propositioni hypotheticae. Huiusmodi sunt, sicut dictum est prius, propositiones exclusivae et exceptivae et reduplicativae. Huiusmodi etiam sunt omnes propositiones in quibus ponuntur termini connotativi et relativi, sicut istae propositiones 'aliquod album currit', 'omne album est corpus', 'omne agens producit aliquid', 'omnis quantitas est in loco', 'omnis similitudo est qualitas' et huiusmodi. Ideo de istis est primo dicendum'.

As proposições hipotéticas, por sua vez, são caracterizadas por constituírem-se de duas ou mais proposições categóricas. Nesse contexto, Ockham as subdivide em conjuntivas, disjuntivas, condicionais, causais, temporais e locais, de acordo com o conectivo que une as proposições categóricas constituintes.²¹

3.3. Condições de verdade

Na segunda parte da *Summa logicae*, Ockham apresenta sua teoria das condições de verdade das proposições com o objetivo de estabelecer a base a partir da qual poder-se-ia determinar a validade das inferências.

A primeira seção desse texto é inicialmente devotada à análise daqueles tipos de proposição semanticamente mais simples a fim de permitir a abordagem subsequente dos casos mais complexos. No segundo capítulo, Ockham elabora uma teoria da predicação fundamentalmente caracterizada por só presumir a existência de substâncias e qualidades individuais. Em seguida, ele a estende para lidar com as proposições assertóricas, de modo que, do sétimo ao décimo capítulo, haja possibilidade de estabelecer as condições de verdade tanto das proposições modais quanto das proposições categóricas temporais, que dependem das proposições assertóricas correspondentes. Posteriormente, Ockham concentra-se no exame das proposições exponíveis e determina que elas reduzir-se-iam às conjunções ou disjunções das proposições previamente analisadas. A seção seguinte inicia-se no vigésimo primeiro capítulo e termina no vigésimo nono. Nela, Ockham trata especificamente das conversões, isto é, inferências formadas por duas proposições que compartilham os mesmos termos em posições inversas. Finalmente, a terceira seção aborda as condições de verdade das proposições hipotéticas.²²

²¹ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 1: ‘*Propositio hypothetica est illa quae ex pluribus categoricis est composita. Et illa dividitur in quinque species, secundum communem opinionem, scilicet in copulativam, disiunctivam, conditionalem, causalem et temporalem*’.

²² Cf. FREDDOSO, A. J. *Ockham’s Theory of Truth Conditions*, p. 1-3.

3.3.1. Proposições categóricas

A teoria ockhamista das condições de verdade principia com a análise das proposições categóricas assertóricas no presente que não equivalem às proposições hipotéticas e cujos termos categoremáticos apresentam-se no nominativo.

3.3.1.1. Proposições singulares

Tais proposições distinguem-se porque o sujeito que as constitui é um termo singular²³ que refere-se apenas a um único objeto em virtude de alguma convenção lingüística ou por causa da sua própria natureza.²⁴ Com efeito, uma proposição singular é verdadeira se e somente se o sujeito e o predicado supõe o mesmo objeto.²⁵

De acordo com Ockham, ‘Sócrates é um homem’, por exemplo, é verdadeira se e somente se ‘Sócrates’ e ‘homem’ supõe algo em comum.²⁶ Todavia, se Sócrates não existir, então mesmo uma proposição como ‘Sócrates é Sócrates’ será falsa.²⁷ Portanto, poder-se-ia dizer que

²³ Os termos singulares também são chamados de termos discretos (cf. GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, I, 19; Primeira parte, cap. II).

²⁴ Cf. PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 47.

²⁵ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 2: ‘*Circa quod dicendum est quod ad veritatem talis propositionis singularis quae non aequivalet multis propositionibus non requeritur quod subiectum et praedicatum sint idem realiter, nec quod praedicatum ex parte rei sit in subiecto vel insit realiter subiecto, nec quod uniatur a parte rei extra animam ipsi subiecto, - sicut ad veritatem istius ‘iste est angelus’ non requeritur quod hoc commune ‘angelus’ sit idem realiter cum hoc quod ponitur a parte subiecti, nec quod insit illi realiter, nec aliquid tale -, sed sufficit et requeritur quod subiectum et praedicatum supponant pro eodem. Et ideo si in ista ‘hic est angelus’ subiectum et praedicatum supponant pro eodem, propositio erit vera. Et ideo non denotatur quod hic habeat angelitatem vel quod in isto sit angelitas vel aliquid huiusmodi, sed denotatur quod hic sit vere angelus; non quidem quod sit illud praedicatum, sed quod sit illud pro quo supponit praedicatum’.*

²⁶ *Ibid.*, II, 2: ‘*Similiter etiam per tales propositiones ‘Sortes est homo’, ‘Sortes est animal’ non denotatur quod Sortes habeat humanitatem vel animalitatem, nec denotatur quod humanitas vel animalitas sit in Sorte, nec quod homo vel animal sit in Sorte, nec quod homo vel animal sit de essentia vel de quidditate Sortis vel de intellectu quidditativo Sortis, sed denotatur quod Sortes vere est homo et vere est animal. Non quidem quod Sortes sit hoc praedicatum ‘homo’ vel hoc praedicatum ‘animal’, sed denotatur quod est aliqua res pro qua stat vel supponit hoc praedicatum ‘homo’ et hoc praedicatum ‘animal’, quia pro Sorte stat utrumque illorum praedicatorum’.*

²⁷ Tal fato ocorre porque Ockham presume o importe existencial do sujeito que constitui tais proposições (cf. FREDDOSO, A. J. *Ockham’s Theory of Truth Conditions*, p. 9).

(C1) ‘ D é P ’ é verdadeira se e somente se há algo suposto tanto por D quanto por P ,²⁸

onde D representa um nome próprio ou um pronome demonstrativo, P representa o predicado de uma proposição singular e ‘ N é P ’ é um esquema proposicional.²⁹

30

3.3.1.2. Proposições particulares

Em geral, as proposições cujo sujeito é um termo geral determinado por um sinal particular são chamadas de particulares por Ockham.³¹ Neste caso, a condição necessária e suficiente para verdade de tais proposições afirmativas resume-se na existência de um suposto comum ao sujeito e ao predicado que as compõem.³² Esquemáticamente,

(C2) ‘Algum A é B ’ é verdadeira se e somente se há algo que A e B supõem.

²⁸ Eventualmente, poder-se-ia denunciar a suposta circularidade de C1, ao menos nos casos em que tanto o sujeito quanto o predicado possuíssem suposição pessoal, uma vez que esta define a verdade em termos de suposição e a suposição, por sua vez, é definida segundo a verdade das proposições que compartilham a forma ‘Isto é um T ’, onde T representa um termo absoluto. Todavia, tal situação é esclarecida através da constatação de que C1 não é propriamente uma definição. Na verdade, ela apenas determina as condições segundo as quais um termo supõe pessoalmente algo numa proposição categórica assertórica no presente (cf. ADAMS, M. M. *William Ockham*, I, p. 393-396).

²⁹ Por sua vez, uma proposição singular negativa seria verdadeira se (i) não houvesse algo que o sujeito pudesse supor, (ii) se não houvesse algo que o predicado pudesse supor, ou (iii) houvesse algo que o sujeito e o predicado pudessem particularmente supor (cf. GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, I, 72; *Ibid.*, II, 3; PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 46; FREDDOSO, A. J. *Ockham’s Theory of Truth Conditions*, p. 10).

³⁰ É interessante observar que tal abordagem também vale para as proposições onde um dos termos possui suposição simples ou material, já que eles exercem um papel análogo ao dos nomes próprios que possuem suposição pessoal (cf. FREDDOSO, A. J. *Ockham’s Theory of Truth Conditions*, p. 10; PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 47).

³¹ Cf. nota 18.

³² GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 3: ‘*Sed quid sufficit ad veritatem talis indefinitae si sit indefinita? Dicendum quod ad veritatem talis sufficit quod pro eodem supponant subiectum et praedicatum si sit affirmativa*’.

Com efeito, a verdade de uma proposição particular afirmativa depende da ocorrência de algum elemento na interseção entre a classe dos supostos do sujeito e a classe dos supostos do predicado.³³

No que concerne à verdade das proposições particulares negativas, verifica-se a condição necessária e suficiente segundo a qual ambos os extremos não suponham algo em comum.³⁴ Esquemáticamente,

(C3) ‘Algum A não é B ’ é verdadeira se e somente se (i) A não supõe algo ou (ii) A supõe aquilo que B não supõe.

Logo, a verdade de uma proposição particular negativa apóia-se na vacuidade da classe dos supostos de sujeito ou na sua exclusão da classe dos supostos do predicado.³⁵

Finalmente, cabe destacar que a teoria ockhamista das condições de verdade também contempla as proposições particulares afirmativas cujo predicado é determinado por um sinal universal de modo que

(C4) ‘Algum A é todo B ’ é verdadeira se e somente se (i) há um suposto comum ao sujeito e ao predicado e (ii) B supõe exatamente um objeto.³⁶

3.3.1.3. Proposições indefinidas

Ockham afirma que tais proposições são assim denominadas porque o sujeito que as constitui identifica-se com um termo geral que possui suposição

³³ Cf. PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 45.

³⁴ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 3: ‘*Sed quid sufficit ad veritatem talis indefinitae si sit indefinita? Dicendum quod ad veritatem talis sufficit quod (...) subiectum et praedicatum (...) non supponant pro eodem si sit negativa*’.

³⁵ Cf. PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 45.

³⁶ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 4: ‘*Quandoque tamen potest indefinita vel particularis esse vera in qua praedicatur praedicatum universaliter sumptum, quamvis subiectum habeat multa contenta; sicut si non esset nisi unus homo, quamvis essent plura animalia, haec esset vera ‘aliquod animal est omnis homo’*. Cumpre ressaltar que o referido texto presume a determinação das condições de verdade da contraditória de ‘Algum A é todo B ’. Assim, (C4’) ‘Nenhum A é todo B ’ é verdadeira se e somente se ou (i) não há nada suposto tanto por A , quanto por B , ou (ii) não é o caso que B supõe exatamente um objeto (cf. FREDDOSO, A. J. *Ockham’s Theory of Truth Conditions*, p. 19).

peçoal e não é determinado por algum sinal particular ou universal.³⁷ Ademais, dado que ele também sustenta a convertibilidade entre as proposições indefinidas e as respectivas proposições particulares, segue-se que as condições de verdade daquelas serão idênticas às condições estipuladas para estas.³⁸ Com efeito, para verdade de uma proposição indefinida afirmativa é necessário e suficiente que tanto o sujeito quanto o predicado suponham algo em comum, isto é,

(C5) ‘ A é B ’ é verdadeira se e somente se há algo que A e B supõem,

ao passo que para a verdade de uma proposição indefinida negativa basta que não haja nenhum suposto em comum entre eles, ou seja,

(C6) ‘ A não é B ’ é verdadeira se e somente se (i) A não supõe algo ou (ii) A supõe aquilo que B não supõe.

Em relação à verdade das proposições indefinidas afirmativas cujo predicado é determinado por um sinal universal, segue-se as mesmas condições estabelecidas para as proposições particulares afirmativas cujo predicado é determinado por um sinal universal, a saber,

(C7) ‘ A é todo B ’ é verdadeira se e somente se (i) há um suposto comum ao sujeito e ao predicado e (ii) B supõe exatamente um objeto.³⁹

³⁷ Cf. nota 18.

³⁸ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 3: ‘*Et est primo sciendum quod si non vocetur propositio indefinita nec particularis nisi quando terminus subiectus supponit personaliter, tunc semper indefinita et particularis convertuntur, sicut istae convertuntur ‘homo currit’, ‘aliquid homo currit’; ‘animal est homo’, ‘aliquod animal est homo’, ‘animal non est homo’, ‘aliquod animal non est homo’. Et ad veritatem talium sufficit quod subiectum et praedicatum supponant pro aliquo eodem, si sit propositio affirmativa et non addatur signum universali a parte praedicati; quod dico propter tales ‘aliquod animal est omnis homo’, ‘aliquid angelus est omnis angelus’. Sed si talis sit negativa, requeritur quod subiectum et praedicatum non supponant pro omni eodem, immo requeritur quod subiectum pro nullo supponat, vel quod supponat pro aliquo pro quo praedicatum non supponit.*

³⁹ Dado a intercambialidade entre as proposições indefinidas e as proposições particulares, poder-se-ia estender o procedimento empregado na nota 35 para o estabelecimento da contraditória de ‘ A é todo B ’. Conseqüentemente, (C7’) ‘Nenhum A é todo B ’ é verdadeira se e somente se ou (i) não há nada suposto tanto por A , quanto por B , ou (ii) não é o caso que B supõe exatamente um objeto.

3.3.1.4. Proposições universais

Esse tipo de proposição é constituído por um sujeito que se identifica com um termo geral determinado por algum sinal universal, cuja suposição é pessoal.⁴⁰

Após classificar diversos sinais universais conforme seu modo de distribuição,⁴¹ Ockham concentra-se particularmente na análise de ‘todo’ e ‘nenhum’. Segundo ele,

(C8) ‘Todo A é B ’ é verdadeira se e somente se (i) A supõe algo e (ii) B supõe tudo o que A supõe.⁴²

Consoante o que foi dito, segue-se que a verdade de uma proposição universal afirmativa está condicionada à inclusão da classe não vazia dos supostos do sujeito na classe dos supostos do predicado.⁴³

Por outro lado, as condições de verdade das proposições universais afirmativas cujo predicado é um termo geral determinado por algum sinal universal também são estabelecidas na *Summa logicae* de modo que

(C9) ‘Todo A é todo B ’ é verdadeira se e somente se (i) A supõe exatamente um objeto, (ii) B supõe exatamente um objeto e (iii) há algo suposto tanto por A , quanto por B .⁴⁴

⁴⁰ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 4: ‘*Et est primo sciendum quod propositiones universales sunt in multiplici differentia secundum diversitatem signorum universalium*’.

⁴¹ *Ibid.*, II, 4: ‘*Ponitur autem multiplex distinctio signorum universalium. Dicitur enim quod aliqua sunt distributiva indifferenter pro substantia et accidente, sicut ‘omnis’, ‘quolibet’, ‘unusquisque’, ‘nullus’, ‘uterque’, ‘neuter’, et sic de aliis. Alia sunt distributiva tantum pro accidentibus, sicut ‘qualelibet’, ‘quotiescumque’, et si forte sint alia talia. Sed ista distinctio potest intelligi bene et male. Si enim intelligatur quod ‘qualelibet’ sit simpliciter distributivam pro accidentibus, sicut ‘omnis’ vel aliquid tale pro substantia et accidente, falsum est, sicut patebit. Si autem intelligatur quod sit aliquo modo distributivum, scilicet sub disiunctione inter species vel copulative, vel aliquo tali modo, concedi potest. Alia ponitur divisio signorum universalium quod quaedam sunt distributiva pro partibus subiectivis et quaedam pro partibus intregalibus. Prima sunt sicut ‘omnis’, ‘nullus’, ‘uterque’, ‘neuter’, et sic de aliis. Secunda sunt sicut ‘totus’. Sed qualiter hoc debeat intelligi, dicitur in sequentibus. Alia ponitur divisio signorum universalium, quod quaedam possunt distribuere pro quocumque, sicut ‘omnis’, ‘nullus’ et huiusmodi, quaedam pro duobus tantum, sicut ‘uterque’ et ‘neuter’*’.

⁴² *Ibid.*, II, 4: ‘*Est igitur primo sciendum quod ad veritatem talis propositionis universalis non requeritur quod subiectum et praedicatum sint idem realiter, sed requeritur quod praedicatum supponat pro omnibus illis pro quibus supponit subiectum, ita quod verificetur*’.

⁴³ Cf. PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 45.

Portanto, Ockham acredita que ‘Toda Fênix é toda Fênix’, por exemplo, é verdadeira, ao passo que ‘Toda Fênix é todo animal’ é falsa.⁴⁵

Não obstante Ockham negligenciar a análise das condições de verdade das proposições universais negativas, poder-se-ia estabelecê-las a partir de C2 e da constatação da relação de contrariedade existente entre as referidas proposições e as proposições particulares afirmativas. Deste modo,

(C10) ‘Nenhum A é B ’ é verdadeira se e somente se (i) não há algo que A supõe, ou (ii) não há algo que B supõe, ou (iii) B não supõe algo que A supõe.

Assim, a verdade de uma proposição universal negativa depende da vacuidade da interseção entre a classe dos supostos do sujeito e a classe dos supostos do predicado.⁴⁶

3.3.1.5. Proposições exponíveis

Após a determinação de uma teoria básica das condições de verdade, Ockham concentra-se na análise das proposições exponíveis (*propositiones exponibiles*) classificadas de categóricas em virtude da sua estrutura gramatical, embora sejam semanticamente equivalentes às proposições hipotéticas. De acordo com ele, tais proposições distinguem-se por implicarem uma série de proposições

⁴⁴ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 4: ‘*Secundum sciendum est quod omnis propositio universalis, in qua praedicatum sumitur universaliter, est falsa si praedicatum vel subiectum praedicetur de pluribus contentis. Si autem praedicatum praedicetur praecise de uno contento et similiter subiectum, posset esse propositio vera*’. Por sua vez, tal texto permite a determinação das condições de verdade da contraditória de ‘Todo A é todo B ’. Com efeito, (C9) ‘Algum A não é todo B ’ é verdadeira se e somente se ou (i) não há nada que A e B supõem, ou (ii) não é o caso que B supõe exatamente um objeto (cf. FREDDOSO, A. J. *Ockham’s Theory of Truth Conditions*, p. 19).

⁴⁵ *Ibid.*, II, 4: ‘*Unde si non esset nisi tantum unum animal, puta unus homo, haec esset vera ‘omnis homo est omne animal’ et similiter ista ‘omne animal est omne homo’, sed si essent plures homines vel si essent quaecumque plura animalia haec esset falsa. Et ideo haec est falsa ‘omnis phoenix est omne animal’, haec tamen est vera ‘omnis phoenix est omnis phoenix’*’. Tal fato também contribui para afirmação de Panaccio segundo a qual as condições de verdade das proposições singulares deveriam ser análogas às condições de verdade das proposições universais e particulares (cf. PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 47-48).

⁴⁶ Cf. PANACCIO, C. *Les mots, les concepts et les choses*, p. 45.

categóricas que exprimem o significado da proposição em razão da sua forma.⁴⁷ Assim, elas concernem tanto àquelas proposições constituídas por alguma cláusula que envolve sincategoremas, tais como as proposições reduplicativas (*propositiones reduplicativae*), cuja forma pode ser ‘*A enquanto A é B*’, as proposições exceptivas (*propositiones exceptivae*), que podem compartilhar a forma ‘*Todo A exceto este A é B*’, e as proposições exclusivas (*propositiones exclusivae*) que podem ser representadas pela forma ‘*Apenas A é B*’, quanto àquelas constituídas por termos conotativos, infinitos ou privativos.^{48, 49}

Para estabelecer as condições de verdade dos referidos tipos de proposição, Ockham abandona a estratégia anterior segundo a qual a verdade de uma proposição categórica depende da suposição do sujeito e do predicado que as constitui, e determina o esquema geral ‘*P é verdadeira se e somente se ‘Q e (ou) R’ é verdadeira*’, onde *P* representa uma proposição exponível e tanto *Q*, quanto *R* representam as expositoras (*exponentes*), isto é, as proposições que constituem a proposição hipotética cujo esquema é ‘*Q e (ou) R*’. Neste caso, ‘*Todos os cavalos correm exceto Bucéfalo*’, por exemplo, é analisada em duas expositoras, a saber, ‘*Todos os cavalos distintos de Bucéfalo correm*’ e ‘*Bucéfalo não corre*’.⁵⁰ Com efeito, poder-se-ia dizer que tal análise revelaria a estrutura lógica ideal do discurso mental onde as proposições exponíveis seriam explicitamente representadas pela conjunção das suas expositoras. Entretanto, a confirmação

⁴⁷ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 11: ‘*Dicto de propositionibus categoricis, quase simplicibus, dicendum est de propositionibus aequivalentibus propositionibus hypotheticis. Et est sciendum quod quaelibet categorica ex qua sequuntur plures propositiones categoricae tamquam exponentes eam, hoc est exprimentes quid illa propositio ex forma sua importat, potest dici propositio aequivalens propositioni hypotheticae*’.

⁴⁸ *Ibid.*, II, 11: ‘*Huiusmodi sunt, sicut dictum est prius, propositiones exclusivae et exceptivae et reduplicativae. Huiusmodi etiam sunt omnes propositiones in quibus ponuntur termini connotativi et relativi, sicut istae propositiones ‘aliquod album currit’, ‘omne album est corpus’, ‘omne agens producit aliquid’, ‘omnis quantitas est in loco’, ‘omnis similitudo est qualitas’ et huiusmodi. Ideo de istis est primo dicendum*’.

⁴⁹ Ao afirmar que uma proposição é exponível se uma proposição hipotética expressa o que ela significa em razão da sua forma, Ockham amplia a noção de forma a fim de contemplar o que diz respeito à proposição não só por causa dos sincategoremas, mas também em virtude dos categoremas. Esta estratégia permite a ele sustentar a concepção segundo a qual todas as proposições constituídas de termos conotativos e relativos são exponíveis, na medida que tais termos significam algo primariamente e algo secundariamente conforme a presença dos sincategoremas nas respectivas definições nominais e a substituição deles pelas referidas definições explicita a forma lógica das proposições em questão ao indicar as expositoras que expressam o que elas implicam (cf. GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 11; ADAMS, M. M. *William Ockham*, I, p. 421-422).

⁵⁰ Cf. FREDDOSO, A. J. *Ockham’s Theory of Truth Conditions*, p. 61-62.

dessa interpretação depende da controvertida discussão sobre a presença de termos conotativos na linguagem mental de Ockham.⁵¹

Por sua vez, se a existência dos termos em questão fosse comprovada na referida linguagem, então restaria somente a concepção segundo a qual a função das condições de verdade das proposições exponíveis resumir-se-ia à clarificação do seu importe ontológico na medida que tais condições seriam estabelecidas através da suposição do sujeito e do predicado das respectivas expositoras. Deste modo, o importe ontológico da proposição ‘Todos os cavalos correm exceto Bucéfalo’ corresponderia aos supostos dos termos constituintes das expositoras ‘Bucéfalo’, ‘correm’ e ‘cavalos distintos de Bucéfalo’ caso elas fossem verdadeiras. Conseqüentemente, não haveria necessidade de presumir a existência de objetos distintos daqueles referentes singulares dos termos categoremáticos para o esclarecimento dos casos em questão.⁵²

3.3.1.5.1 Proposições reduplicativas

O que caracteriza o referido tipo de proposição é a presença da expressão ‘enquanto’ (*in quantum*) ou outra equivalente⁵³ constituída de uma função reduplicativa.⁵⁴ Apesar disso, a forma das proposições reduplicativas diversifica-se conforme os modos segundo os quais a cláusula reduplicativa relaciona-se com o sinal de negação em ‘*A* enquanto *B* é *C*’, ‘*A* enquanto *B* não é *C*’ e ‘*A* não é *C* enquanto *B*’.⁵⁵ Por sua vez, a função reduplicativa da cláusula em questão depende da sua ocorrência em determinada proposição que implique uma proposição categórica onde o predicado principal é afirmado ou negado do predicado reduplicado. Assim, a cláusula ‘enquanto *B*’, por exemplo, possui uma

⁵¹ Cf. primeira parte, cap. I, nota 84.

⁵² Cf. PANACCIO, C. *Semantics and Mental Language*, p. 64-65.

⁵³ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 16: ‘Notandum est etiam quod istae dictiones ‘secundum quod’, ‘ut’, ‘sub ratione’ et huiusmodi sunt aequivalentes isti dictioni ‘in quantum’, et ideo faciunt propositiones reduplicativas’.

⁵⁴ *Ibid.*, II, 16: ‘Circa propositiones reduplicativas est primo sciendum quod illa propositio vocatur reduplicativa in qua ponitur haec dictio ‘in quantum’, vel aequivalens, et tenetur reduplicative’.

⁵⁵ *Ibid.*, II, 16: ‘Secundum sciendum quod in propositione reduplicativa ipsa reduplicatio, scilicet haec dictio ‘in quantum’, vel aequivalens, aliquando est affirmata, quia scilicet negatio non praecedit eam, aliquando est negata, quia scilicet negatio praecedit eam, sicut hic ‘Sortes non currit in quantum est homo’. Si autem reduplicatio non sit negata, vel hoc est in propositione

função reduplicativa em ‘*A* enquanto *B* é *C*’, se tal proposição implica ‘Todo *B* é *C*’.⁵⁶

Neste contexto, Ockham também estabelece que essas proposições distinguem-se em proposições reduplicativas concomitantes e proposições reduplicativas causais, cujo predicado reduplicado expressa a causa em virtude da qual o predicado principal pertence ao sujeito.⁵⁷ De acordo com ele, as proposições reduplicativas concomitantes singulares ou indefinidas que compartilham a forma ‘*A* enquanto *B* é *C*’ possuem quatro expositoras, a saber, (i) aquela em que o predicado principal é verdadeiramente predicado do sujeito principal, (ii) aquela em que o termo reduplicado é predicado do sujeito principal, (iii) aquela em que o predicado principal é predicado do termo reduplicado numa proposição universal, e (iv) uma proposição condicional verdadeira cujo antecedente é o termo reduplicado e o conseqüente é o predicado principal. Com efeito, poder-se-ia derivar as seguintes condições de verdade:

(C11) ‘*A* enquanto *B* é *C*’ é verdadeira se e somente se ‘*A* é *C* e *A* é *B* e todo *B* é *C* e se algo é *B*, então ele é *C*’ é verdadeira.⁵⁸

Por outro lado, as proposições reduplicativas concomitantes negativas singulares ou indefinidas cuja forma é ‘*A* enquanto *B* não é *C*’ também possuem quatro expositoras, isto é, (i) uma proposição afirmativa na qual o termo reduplicado é verdadeiramente asserido do sujeito principal, (ii) uma proposição

affirmativa, sicut hic ‘Sortes in quantum homo est risibilis’, vel in propositione negativa, sicut hic ‘Sortes in quantum homo non currit’.

⁵⁶ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 16: ‘*Si autem dictio talis non teneatur reduplicative sed specificative, tunc non requiritur quod illud cui additur talis dictio subiciatur universaliter praedicato principali, sed requiritur quod illud super quod cadit reduplicatio importet illud ratione cuius competit praedicatum principale subiecto primo. Verbi gratia si in ista propositione ‘ignis in quantum calidus calefacit’ li in quantum non teneatur reduplicative sed specificative, non oportet quod haec sit vera ‘omne calidum calefacit’, sed requiritur quod hoc nomen ‘calidum’ importet calorem per quem ignis calefacit, immo cui prius et magis per se competit calefacere quam igni, vel saltem quod est principium calefaciendi. Et ita ad veritatem talis propositionis requiritur quod praedicato principale praedicetur de subiecto principale et de illo cui additur dictio talis, et quod illud additum praedicetur de subiecto principali’.*

⁵⁷ *Ibid.*, II, 16: ‘*Circa primum sciendum est quod talis propositio potest distingui, eo quod potest esse reduplicatio gratia concomitantiae vel gratia causae’.*

⁵⁸ *Ibid.*, II, 16: ‘*Si fiat reduplicatio gratia concomitantiae, tunc ad veritatem ipsius requiruntur quatuor propositiones tamquam exponentes eam: una, in qua praedicatum principale vere praedicetur de subiecto principali; alia, in qua illud super quod cadit reduplicatio praedicetur de subiecto principali; tertia, in qua praedicatum principale praedicetur de illo super quod cadit*

negativa onde o predicado principal é negado do termo reduplicado numa proposição universal, (iii) uma proposição negativa na qual o predicado principal é negado do sujeito principal, e (iv) uma proposição condicional cujo antecedente é o termo reduplicado e o conseqüente é a negação do predicado principal. Por tal razão, seguem-se as condições de verdade correspondentes:

(C12) ‘*A enquanto B não é C*’ é verdadeira se e somente se ‘*A é B e A não é C e nenhum B é C e se algo é B, então ele não é C*’ é verdadeira.⁵⁹

Analogamente, Ockham esclarece que a verdade das proposições reduplicativas concomitantes singulares ou indefinidas cujo predicado principal e o predicado reduplicado são determinados pelo sinal de negação está condicionada a falsidade de uma das expositoras da respectiva proposição reduplicativa concomitante afirmativa singular ou indefinida.⁶⁰

3.3.1.5.2. Proposições exclusivas

As proposições compostas pelos sincategoremas ‘apenas’ (*tantum*) ou ‘somente’ (*solus*) são chamadas de exclusivas.⁶¹ Ockham sustenta que uma

reduplicatio universaliter; quarta erit una conditionalis vera, ab illo super quod cadit reduplicatio ad praedicatum principale’.

⁵⁹ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 16: ‘*Secundo videndum est principaliter de reduplicativa negativa, in qua tamen reduplicatio non est regata, cuiusmodi est talis propositio ‘homo in quantum rationalis non est asinus’. Et sciendum quod talis propositio reduplicativa, si fiat reduplicatio gratia cocomitantiae, habet quatuor exponentes: duas negativas et unam affirmativam et unam conditionalem. Affirmativa exponens est illa in qua illud super quod cadit reduplicatio vere affirmatur de subiecto principali. Negativarum exponentium una est praeiacens illius propositionis reduplicativae, in qua scilicet praedicatum principale negatur a subiecto principali; alia negativa exponens est illa in qua praedicatum principale negatur ab illo super quod cadit reduplicatio universaliter sumpto. Conditionalis est illa in qua a positione illius super quod cadit reduplicatio sequitur negatio praedicati principalis. Sicut ista ‘homo in quantum risibilis non est asinus’ habet istas exponentes ‘homo est risibilis’, ‘homo non est asinus’, ‘nullum risibile est asinus’, ‘si aliquid est risibile, ipsum non est asinus’.*

⁶⁰ *Ibid.*, II, 16: ‘*Tertio videndum est de propositione ubi reduplicatio est negata. Et est sciendum quod talis propositio est contradictoria alicuius propositionis reduplicativae in qua reduplicatio est affirmata. Et ideo ad eius veritatem sufficit opposita cuiuscumque exponentis reduplicativae, cui contradicit; quia regula generalis est quod quando aliqua propositio contradicit alicui habenti plures exponentes, ad veritatem illius sufficit veritas cuiuscumque oppositae exponentis. Unde ad veritatem istius ‘Sortes non est homo in quantum albus’ sufficit veritas istius ‘Sortes non est homo’, et istius ‘Sortes non est albus’ et istius ‘aliquod album non est homo’ et istius ‘non, si est album, est homo’.*

⁶¹ *Ibid.*, II, 17: ‘*Circa primum sciendum est quod istae dictiones ‘tantum’ et ‘solus’ faciunt propositiones exclusivas’.*

proposição categórica afirmativa cujo sujeito esteja acompanhado por um sinal de exclusão sempre denota que o predicado é verdadeiramente predicado do sujeito e negado daquilo de que o sujeito não é verdadeiramente predicado. Assim, tais proposições exclusivas são constituídas por uma expositora afirmativa e outra expositora negativa que acarretam as respectivas condições de verdade:

(C13) ‘Somente A é B ’ é verdadeira se e somente se ‘ A é B e nenhum $não-A$ ⁶² é B ’ é verdadeira.⁶³

Por sua vez, as proposições categóricas negativas cujo sujeito esteja acompanhado por um sinal de exclusão denotam que o predicado é verdadeiramente negado do sujeito e afirmado daquilo de que o sujeito é verdadeiramente negado. Com efeito, as referidas proposições exclusivas também são formadas por uma expositora afirmativa e outra expositora negativa que implicam as seguintes condições de verdade:

(C14) ‘Somente A não é B ’ é verdadeira se e somente se ‘ A não é B e todo $não-A$ é B ’ é verdadeira.⁶⁴

Neste contexto, poder-se-ia dizer que o sinal de exclusão concerne somente ao que não faz parte daquilo de que o sujeito é predicado.⁶⁵

⁶² Cumpre salientar que as proposições constituídas de termos infinitos possuem duas expositoras, embora uma delas seja uma proposição afirmativa, cujo sujeito ou predicado esteja acompanhado pelo termo ‘algo’ ou outro equivalente. Conseqüentemente, ‘ A é $não-B$ ’, por exemplo, é verdadeira se e somente se ‘ A é algo e A não é B ’ (cf. GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 12).

⁶³ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 17: ‘*Circa primo sciendum quod quandocumque dictio exclusiva tenetur secundum suam primariam institutionem et ponitur a parte subiecti, semper denotatur quod praedicatum vere praedicatur de subiecto, et quod removetur ab omni illo de quo non vere praedicatur suum subiectum; et hoc si sit propositio affirmativa. Et ideo quaelibet propositio exclusiva habet duas exponentes: unam affirmativam et aliam negativam. Sicut ista ‘tantum homo est animal’ habet ista exponentes ‘homo est animal’ et ‘nihil aliud ab homine est animal’.*’

⁶⁴ *Ibid.*, II, 17: ‘*Si autem sit negativa, denotatur quod praedicatum vere removetur a subiecto et quod inest omni illi a quo vere removetur subiectum; et ita habet duas exponentes, scilicet suam praeiacentem negativam et aliam affirmativam. Sicut ista ‘tantum homo non est asinus’ habet istas duas exponentes ‘homo non est asinus’ et ‘omne aliud ab homine est asinus’.*’

⁶⁵ *Ibid.*, II, 17: ‘*Iuxta secundam – impropriam – acceptionem dictionis exclusivae accipitur una alia regula quae est ista, quod quando dictio exclusiva additur termino importanti aliquid habens plures partes, illa propositio est distinguenda, eo quod potest esse exclusio proprie dicta, et tunc denotatur quod praedicatum competere subiecto et removeri a quolibet a quo removetur subiectum; vel potest esse exclusio improprie dicta, secundum quod excluditur omne illud de quo*

Finalmente, Ockham fornece as condições de verdade que contemplam os casos onde o sinal de exclusão está inserido junto ao predicado. Segundo ele, uma proposição categórica afirmativa cujo predicado é acompanhado por um sinal de exclusão denota que o predicado é asserido do sujeito e negado daquilo de que ele não é verdadeiramente predicado. Logo,

(C15) ‘*A* é somente *B*’ é verdadeira se e somente se ‘*A* é *B* e *A* não é não-*B*’.⁶⁶

3.3.1.5.3. Proposições exceptivas

Ockham esclarece que tais proposições são constituídas pelos sincategoremata ‘exceto’ (*nisi*) ou ‘menos’ (*praeter*)⁶⁷ e determina que a verdade de uma proposição exceptiva afirmativa depende do predicado ser negado da parte excluída e afirmado daquilo que concerne ao sujeito, isto é,

(C16) ‘Todo *A* exceto este *A* é *B*’ é verdadeira se e somente se ‘Este *A* não é *B*’ e ‘Todo *A* distinto deste *A* é *B*’ são verdadeiras.

Por outro lado, uma proposição exceptiva negativa é verdadeira se e somente se o predicado é afirmado da parte excluída e negado daquilo que diz respeito ao sujeito. Esquemáticamente, ter-se-á

(C17) ‘Nenhum *A* exceto este *A* é *B*’ é verdadeira se e somente se ‘Este *A* é *B*’ e ‘Todo *A* distinto deste *A* não é *B*’ são verdadeiras.⁶⁸

non verificatur subiectum nec importans partem subiecti, et potest vocari exclusio cuiuslibet importantis extrinsecum’.

⁶⁶ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 17: ‘*Dicto de dictione exclusiva quando ponitur a parte subiecti, dicendum est de ipsa quando ponitur a parte praedicati. Et est primo sciendum quod tunc etiam potest accipi proprie et improprie. Si proprie, tunc denotatur quod praedicatum dicitur de subiecto et quod omne illud removetur ab eo de quo non verificatur praedicatum; sicut per istam ‘homo est tantum animal’ denotatur quod homo sit animal et quod non sit aliud ab animali*’.

⁶⁷ *Ibid.*, II, 18: ‘*Circa primum sciendum quod talia syncategoremata ‘praeter’, ‘nisi’ faciunt propositiones in quibus ponuntur esse exceptivas*’.

⁶⁸ *Ibid.*, II, 18: ‘*Circa secundum principale est sciendum quod ad veritatem exceptivae requiritur quod praedicatum removeatur a parte extra capta et quod insit cuiuslibet alii contento sub subiecto, si sit affirmativa; si sit negativa, requiritur e converso. Et ideo quaelibet talis exceptiva habet duas*

3.3.2. Proposições hipotéticas

A união de duas ou mais proposições categóricas através de algum conectivo proposicional ou advérbio caracteriza o tipo de proposição em questão e determina sua distinção em proposições conjuntivas, disjuntivas, condicionais,⁶⁹ causais, temporais e locais, já que esta depende exclusivamente da natureza do conectivo empregado.

3.3.2.1. Proposições conjuntivas

Essas proposições são compostas de duas ou mais proposições categóricas conectadas pela conjunção ‘e’ (*et*) ou algo equivalente.⁷⁰ Para Ockham, uma proposição conjuntiva é verdadeira se as proposições constituintes são verdadeiras, ou seja,

(C18) ‘*P* e *Q*’ é verdadeira se e somente se *P* é verdadeira e *Q* é verdadeira,

onde *P* e *Q* representam proposições.⁷¹

3.3.2.2. Proposições disjuntivas

Tais proposições distinguem-se porque são constituídas de duas ou mais proposições categóricas unidas pela conjunção ‘ou’ (*vel*) ou outra equivalente.⁷²

exponentes: scilicet affirmativam et negativam. Sicut ista ‘omnis homo praeter Sortem currit’ habet istas ‘Sortes non currit’ et ‘omnis homo alius a Sorte currit’. Et ista ‘nullus homo praeter Sortem currit’ habet istas ‘Sortes currit’ et ‘nullus homo alius a Sorte currit’. Ita quod impossibile est aliquam exceptivam esse veram nisi utraque sua exponens sit vera, et ideo ad falsitatem exponentis sequitur falsitas exceptivae, quamvis non e converso’.

⁶⁹ É importante notar que Ockham exclui a discussão sobre as proposições condicionais da segunda parte da *Summa logicae*, na medida que ele acredita que tais proposições são equivalentes às inferências e, por tal razão, devem ser tratadas na terceira parte da referida obra, que contém a sua teoria da inferência.

⁷⁰ GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 32: ‘Copulativa est illa quae componitur ex pluribus categoricis coniunctis mediante hac coniunctione ‘et’ vel mediante aliqua parte aequivalente tali coniunctione’.

⁷¹ *Ibid.*, II, 32: ‘Ad veritatem autem copulativae requiritur quod utraque pars sit vera, et ideo si quaecumque pars copulativae sit falsa, ipsa copulativa est falsa’.

Em geral, poder-se-ia dizer que uma proposição disjuntiva é verdadeira se uma das proposições constituintes é verdadeira. Com efeito,

(C19) ‘*P* ou *Q*’ é verdadeira se e somente se *P* é verdadeira ou *Q* é verdadeira.⁷³

3.3.2.3. Proposições causais

As proposições compostas de duas ou mais proposições categóricas conectadas pela conjunção ‘porque’ (*quia*) ou algo equivalente são chamadas de causais por Ockham.⁷⁴ De acordo com ele, uma proposição causal é verdadeira se (i) cada proposição constituinte é verdadeira, e (ii) o antecedente expressa a causa requerida para verdade do conseqüente. Assim, ‘Sócrates é branco, porque Platão é branco’ é falsa, na medida que ‘Platão é branco’ não expressa uma causa necessária à verdade de ‘Sócrates é branco’.⁷⁵

3.3.2.4. Proposições locais

O referido tipo de proposição é caracterizado pela união de duas ou mais proposições categóricas através de um advérbio de lugar ou algo equivalente.⁷⁶ Por conseguinte, a verdade de uma proposição local depende basicamente da verdade das proposições constituintes que deve concernir ao local estipulado pelo respectivo advérbio de lugar.⁷⁷

⁷² GUILHERME DE OCKHAM. *Summa logicae*, II, 33: ‘*Disiunctiva est illa quae componitur ex pluribus categoricis mediante hac coniunctione ‘vel’, vel mediante aliquo aequivalente sibi*’.

⁷³ *Ibid.*, II, 33: ‘*Ad veritatem autem disiunctivae requiritur quod aliqua pars sit vera*’.

⁷⁴ *Ibid.*, II, 34: ‘*Propositio causalis est illa quae componitur ex pluribus categoricis mediante hac coniunctione ‘quia’ vel aequivalente ei*’.

⁷⁵ *Ibid.*, II, 34: ‘*Ad veritatem autem causalis requiritur quod quaelibet pars sit vera, et simul cum hoc quod antecedens sit causa consequentis. Et ideo ista non est vera ‘Sortes est albus, quia Plato est albus*’.

⁷⁶ *Ibid.*, II, 36: ‘*Propositio localis potest vocari illa quae componitur ex pluribus categoricis, coniunctis mediante adverbio locali vel aliquo aequivalente ei*’.

⁷⁷ *Ibid.*, II, 36: ‘*Ad veritatem talis hypotheticae requiritur veritas utriusque partis et pro eodem loco vel pro diverso*’.